



Revista de História

ISSN: 0034-8309

revistahistoria@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Silveira, Éder

Oswald ponta de lança. Antropofagia e imaginação política na década de 1940.

Revista de História, núm. 160, junio, 2009, pp. 363-386

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285022054016>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# **OSWALD PONTA DE LANÇA. ANTROPOFAGIA E IMAGINAÇÃO POLÍTICA NA DÉCADA DE 1940.<sup>1</sup>**

**Éder Silveira**

Doutor em História-UFRGS. Professor do Centro Universitário Metodista – Ipa.

## **Resumo**

Na década de 1930, o escritor Oswald de Andrade renuncia ao seu passado modernista e mergulha na militância política de esquerda, aproximando-se do Partido Comunista Brasileiro. Nesse artigo são analisados alguns aspectos desse momento de sua trajetória intelectual, desde sua renúncia da vanguarda artística e literária até o abandono do PCB e sua retomada da antropofagia na década de 1940, que culmina com a redação de sua tese *A crise da filosofia messiânica*.

## **Palavras-chaves**

Oswald de Andrade • modernismo • antropofagia • Partido Comunista Brasileiro • história das ideias.

## **Abstract**

In the 1930's, the writer Oswald de Andrade renounces his modernist past and dives in the political militancy of the left, bringing up the Brazilian Communist Party. In this article are analysed some aspects of that moment of his intellectual trajectory since its renunciation of the artistic and literary vanguard to the abandonment of the PCB and its resumption of anthropophagy in the 1940's, culminating with the writing of his thesis *The crisis of messianic philosophy*.

## **Keywords**

Oswald de Andrade • modernism • anthropophagy • Brazilian Communist Party • history of ideas.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é parte do projeto de Pós-doutorado realizado junto a FFLCH da USP, com bolsa do CNPq.

Toda gente sabe que sou da turma do Camões. Da participação!  
Só o escritor interessado pode interessar.  
Oswald de Andrade, 1944.

## I

Se a antropofagia de 1928 é a criação pela qual Oswald de Andrade (1890-1954) é mais lembrado, o mesmo não pode ser dito de sua reinvenção como filosofia existencial dos anos 1940 e 1950. Nesse artigo, analisarei alguns aspectos da retomada da antropofagia por ele empreendida na década de 1940 e de suas implicações políticas. Se, do ponto de vista literário, as consequências mais imediatas dessa retomada são a redação de uma tese para a cadeira de filosofia da FFCL da USP, em 1950, sob o título *A crise da filosofia messiânica* e uma série de artigos publicada em 1953 no jornal *O Estado de S. Paulo*, chamada “A marcha das utopias”, além de uma série de conferências e alguns textos inéditos, essa escolha tem fortes vinculações com seu engajamento político.<sup>2</sup> Seguramente, essa recuperação de uma ideia, aparentemente abandonada no início da década de 1930, mereceu, uma vez comparada às suas primeiras manifestações na década de 1920, bem menor atenção de seus críticos. Via de regra, o tom das análises do Oswald de Andrade filósofo oscila entre os extremos da condenação peremptória ou do elogio desmedido, posições que não ajudam a compreender o ambiente intelectual no qual ele estava inserido e as injunções de seu pensamento e nem mesmo analisa adequadamente o alcance de suas formulações.<sup>3</sup>

Dois exemplos extremos. De um lado, a leitura *enragée* de Heitor Martins que, em suas notas críticas, em que pese ser um intelectual de primeira grandeza, leu o autor de *Pau Brasil* com “mão pesada”, como nas passagens onde

<sup>2</sup> Os artigos de “A marcha das utopias” foram reunidos em livro postumamente. Da mesma forma, com a edição das obras completas de Oswald de Andrade, conferências esparsas e alguns inéditos vieram à lume, vários deles discutindo essas retomadas da antropofagia. Ver: ANDRADE, Oswald de. *A marcha das utopias*. São Paulo: Os Cadernos de Cultura, 1957; ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990; ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1990.

<sup>3</sup> Dentre as exceções, é mister destacar: NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990, p. 5-39; NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

afirmou ser Oswald um autor “brilhante em alguns poucos momentos criadores, inventivos”, no entanto, “tristemente medíocre quando tenta uma obra lógica de fôlego mais amplo”,<sup>4</sup> incluindo como exemplos de sua crítica as duas teses que Oswald escreveu na década de 1940 e sua produção como crítico, veiculada em jornais ou revistas.

No extremo oposto, a retomada concretista da obra de Oswald, autor transformado em totém pelos irmãos Campos e por Décio Pignatari. Para exemplificar, uma passagem superlativamente elogiosa por parte do último, que defende:

Depois de Machado de Assis, Oswald de Andrade é o nosso único escritor-pensador. Desconte-se Euclides da Cunha, não ficcionista. Pulsam, irradiantes, as formulações paratáticas de seus manifestos, cápsulas de inumeráveis discursos hipotáticos e hipotéticos possíveis, que os sociólogos brasileiros jamais desenvolveram, sem falar na triste história dos policarpós quaresmas do pensamento, enrolados e enrodilhados nas peias acadêmicas.<sup>5</sup>

Não é difícil perceber que entre as posições de Martins e Pignatari há um abismo. Sem dúvida, nesse momento, os contornos mais polêmicos de suas observações podem ser descontados. A reflexão sobre a obra de Oswald de Andrade já alcançou o amadurecimento necessário para que afirmações raivas do valor de seu trabalho literário sejam dispensáveis e críticas destruidoras sejam vistas com restrições. Não resta dúvida de que Oswald de Andrade não foi um filósofo *strictu sensu*, o que de resto não desqualifica seu pensamento e suas formulações que, muito provavelmente, por não respeitarem certos cânones da interpretação filosófica, são elaboradas com maior liberdade e, possivelmente, assumem riscos que filósofos não assumiriam. Postura que lembra seu contemporâneo Albert Camus, também ele um romancista filosofante.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> MARTINS, Heitor. *Oswald de Andrade e outros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 13.

<sup>5</sup> PIGNATARI, Décio. Tempo: invenção e inversão. In: ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: Sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Globo, 1990, p. 9.

<sup>6</sup> Albert Camus iniciou sua carreira literária como ficcionista e ensaísta, nesse último caso sempre tratando de questões literárias. Na passagem da década de 1940 para 1950, enveredou pelo ensaísmo filosófico. Nesse sentido, ver: CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004; CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. Originalmente, o primeiro foi publicado em 1942 e o segundo em 1951.

Esforços de análise e interpretação mais equilibrados via de regra deram lugar a tomadas de posição extremas sobre sua obra, muito em função do uso que o próprio Oswald fez, ao longo de toda a sua trajetória literária, da sátira e da polêmica como armas em suas críticas, seja a autores ou a instituições de sua época. Como ele mesmo advertiu em um de seus textos mais conhecidos:

Começarei protestando contra a confusão que se faz entre a seriedade do espírito humano e, por exemplo, a sisudez de uma sessão acadêmica, com suas ratazanas fardadas e a coleção de suas carecas de louça. Ao contrário disso, nada mais sério do que a blague de um Voltaire ou de Ilya Ehrenburg, a fantasia de Joyce e o suspeito moralismo de Proust. Ser contra uma determinada moral ou estar fora dela não é ser imoral. Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é, de modo algum, ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação e dignas operações de limpeza, principalmente nas eras de caos, quando a vasa sobe, a sub-literatura trona e os poderes infernais se apossam do mundo em clamor.<sup>7</sup>

A suspeita com relação ao riso é um dos motivos que afastaram de sua obra muitos de seus contemporâneos, fazendo com que se construísse uma espécie de cortina de fumaça em torno de Oswald, a saber, a fama de autor pouco sério e pouco profundo. Esse julgamento teve implicações sobre a recepção de sua obra literária e, como não poderia deixar de ser, sobre sua atuação como crítico e pensador. No entanto, alguns críticos realçaram a importância do humor como condição primeira de sua produção intelectual. Nas palavras de Antônio Cândido, a partir da segunda metade do século XX, percebia-se “notória e lamentável decadência do humor”, arma que deixava de ser “a brilhante senha que foi para tantos escritores avançados do período entre-guerras”.<sup>8</sup> Essa tendência a uma literatura mais grave não era a principal marca dos modernistas e, para Cândido, “nenhum deles mais do que Oswald usou o ‘claro riso’ como ingrediente libertador que nele foi também condição de existência”.<sup>9</sup> Ainda

<sup>7</sup> ANDRADE, Oswald de. Meu testamento. In: CAVALHEIRO, Edgard. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: 1944, p. 193.

<sup>8</sup> CÂNDIDO, Antônio. Os dois Oswalds. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 36.

<sup>9</sup> Idem. Dentre as interpretações do humor como forma de narrativa sobre a cultura brasileira e/ou como arma nas disputas políticas e intelectuais, gostaria de destacar uma parte do excelente trabalho

assim, um grande número de intérpretes da obra de Oswald procurou sublinhar os riscos que o autor corria ao apresentar uma forma de pensamento vazada, em maior ou menor escala, em uma leitura pouco ceremoniosa de alguns lugares-comuns da cultura brasileira. Para Roberto Schwarz, por exemplo, o procedimento poético de Oswald, a quebra de qualquer oficialismo e rigidez, que ele chama de literatura “radicalmente anti-ilusionista, ou anti-aurática”, acaba por criar uma ideologia da informalidade, ou, nas palavras de Schwarz, “fabricar e ‘auratizar’ o mito do país não oficial”.<sup>10</sup> O humor e a paródia acabam sendo veneno e remédio.

No entanto, há alguns críticos que se destacam pela tentativa de oferecer uma leitura filosófica da obra de Oswald de Andrade, a qual persigo nas próximas páginas em função do recorte proposto nesse artigo. Cumpre destacar os estudos de Benedito Nunes, seguramente o primeiro a explorar com maior consequência a interpretação antropofágica que Oswald faz da filosofia e, escusado o jogo de palavras, a interpretação filosófica que ele fazia da antropofagia. Oswald interpretou a antropofagia, em diferentes acepções, como a passagem “para o campo das ideias políticas e sociais” daquele, por assim dizer, “espírito de insurreição artística e literária do Modernismo”.<sup>11</sup> Em um outro ensaio, Benedito Nunes radicalizou esse via de interpretação dos escritos não-ficcionais de Oswald de Andrade, chegando a afirmar:

A filosofia antropofágica não é, contudo, em que pesem as evidências anteriormente coligidas, apenas uma elaboração residual, feita com os destroços da Antropofagia de 1928. Há, principalmente em *A crise da filosofia messiânica*, a par de um trabalho de síntese e de crítica, que entrelaça o poético ao teórico, intuições fulgurantes que nos descerram,

---

de Heloísa Pontes, no qual ela analisa a polêmica entre Oswald de Andrade e Grupo Clima. Ver: PONTES, Heloísa. *Destinos mistos*. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo 1940-1968. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, especialmente p. 74-89. Da mesma forma, sobre humor como forma de interpretação da história do Brasil é preciso mencionar: LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso. Humor e boêmia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993; SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>10</sup> SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 25.

<sup>11</sup> NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 51.

através do esboço quase profético de novos conceitos, uma perspectiva atual sobre os problemas de hoje.<sup>12</sup>

Fazendo eco à interpretação de Benedito Nunes, há um ensaio de Miguel Reale que merece destaque. Mesmo breve o texto prima por uma leitura equilibrada das formulações filosóficas do autor de *Pau Brasil*. Reale dizia que, “dentre os participantes da Semana, era Oswald o mais dotado de sensibilidade filosófica, já perceptível até mesmo em seus escritos literários iniciais”. E, ainda segundo Reale, “é a utopia [...] o cerne de toda a concepção oswaldiana, assinalando o ponto culminante de suas perquirições filosóficas”.<sup>13</sup> E se quisermos levar às últimas consequências essa ideia de Reale, não seria difícil perceber que o pensamento de Oswald de Andrade é composto de três momentos claramente demarcados que representam três saltos em suas formulações sobre o Brasil: uma primeira fase, de cunho marcadamente nacionalista, que se estende até 1929, uma segunda fase, de 1930 a 1945, que marca seu mergulho no pensamento e na militância marxista, e uma terceira fase, de 1945 a 1954, que marca a retomada da antropofagia.

É preciso que se diga, no entanto, que essa divisão que estou propondo atende exclusivamente a fins esquemáticos. A leitura que Oswald faz do marxismo, na década de 1930, é uma leitura antropofágica. Da mesma forma, a retomada do conceito de antropofagia, na segunda metade da década de 1940, não significou o abandono de suas preocupações com a nacionalidade – basta pensarmos em suas reflexões sobre a cultura indígena e o primitivismo nas décadas de 1940 e 1950 –, ainda tingida pelo pensamento marxista.

## II

Antes de seguir, gostaria de esboçar o momento no qual Oswald de Andrade “abandona” a antropofagia para que seja possível explorar alguns dos desdobramentos dessa decisão em sua obra. Entre os anos de 1929 e 1930, em função de diversos aspectos ligados a sua vida pessoal, Oswald inicia nova caminhada queimando as pontes atrás de si. Com o final de sua relação com

<sup>12</sup> NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. 2ª edição. São Paulo: Globo, 1995, p. 37.

<sup>13</sup> REALE, Miguel. Oswald de Andrade e a utopia. In: REALE, Miguel. *Figuras do pensamento brasileiro*. 2ª edição. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 79.

Tarsila do Amaral vem o rompimento com vários de seus companheiros de geração. Seu casamento com Patrícia Galvão e sua adesão ao PCB abalam seus laços com vários dos nomes mais importantes da aristocracia paulista que em grande parte ajudaram a bancar a aventura modernista. Isso, somado a questões conjunturais, como a ascensão do governo Vargas que implicou em uma sensível redução da hegemonia paulista na política nacional, bem como a quebra da bolsa de Nova York que causou-lhe um grande revés do ponto de vista econômico. Nesse contexto conturbado, Oswald filia-se ao PCB, declara-se marxista e, o que importa mais diretamente ao meu argumento, afirma haver deixado de lado o modernismo.<sup>14</sup>

O marco literário dessa quebra de quase todos os laços que o ligavam pessoal, política e intelectualmente ao seu passado é a publicação de *Serafim Ponte Grande*, romance escrito no final da década de 1920, muito provavelmente concluído em 1929 e publicado em 1933.<sup>15</sup> *Serafim Ponte Grande* é uma obra escrita entre dois prefácios. O primeiro, intitulado “Objeto e fim da presente obra”, veio a lume em novembro de 1926 na *Revista do Brasil*,<sup>16</sup> bem antes da redação do livro estar concluída e o segundo, que abre a publicação de 1933, foi escrito no mesmo ano. O primeiro é um texto alegre e irônico, pontuado por alguns jogos de palavras interessantes e com preocupações bem mais literárias do que políticas. Ele foi redigido entre a publicação de *Pau Brasil* e *O primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. Já o segundo prefácio, que de fato apresentou a obra em sua primeira edição, é seguramente um dos textos mais agressivos assinados pelo autor. Por um lado, um acerto de contas com

<sup>14</sup> Sobre a atuação política dos modernistas e, em especial, sobre os diferentes rumos que os integrantes da Semana de 1922 tomam ao longos dos anos 1920-30, cf. MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. Estudo clínico dos anatolianos. São Paulo: Perspectiva, 1977. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979; VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira*. Análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense 1979; PRA-DO, Antônio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*. Os dissidentes, a Semana e o integralismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>15</sup> ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Ariel, 1933. Para esse artigo, uso a reedição da obra, revisada por Haroldo de Campos e publicada nas obras completas de Oswald de Andrade. Ver: ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 1990. Sobre o romance e sua recepção crítica, ver: JACKSON, Kenneth David. 50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance. *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, n. 6, jun. 1986, p. 27-35; FARINACCIO, Pascoal. *Serafim Ponte Grande e as dificuldades da crítica literária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>16</sup> ANDRADE, Oswald. Objecto e fim da presente obra (*Serafim Ponte Grande*). *Revista do Brasil*. São Paulo, 30 de novembro de 1926, p. 5.

outros autores daquela época, por outro, uma declaração de sua tomada de partido pelo marxismo e pela luta política.<sup>17</sup>

*Serafim Ponte Grande* é uma obra paradoxal por várias razões. A principal delas é tratar-se de um livro que, ao lado de todos os demais publicados pelo autor anteriormente, já nasceu renegado. Em uma das primeiras páginas da obra, aparece uma lista de obras renegadas do autor, dentre as quais *Os condenados*, *A estrela de absinto*, o ainda inédito *A escada*, que viria a ser publicado em 1934, *Pau Brasil*, o *Primeiro caderno... e Serafim Ponte Grande*. Essa negação de seu passado literário completou-se com o prefácio de 1933, no qual Oswald fez um balanço de sua carreira e do ambiente literário brasileiro. Ali, entre outras coisas, afirmou arrepender-se de haver projetado a sua obra tendo como parâmetro a negação de “duas remotas alimárias – Bilac e Coelho Neto”, cometendo assim o “erro de correr na mesma pista inexistente”.<sup>18</sup> E nisso reside uma crítica a boa parte do esforço modernista, preso a problemas literários, como o combate ao parnasianismo, representado nessa passagem por Bilac e Coelho Neto, deixando de lado, por exemplo, preocupações políticas.

No entanto, o que ele destaca daquele ambiente ainda um pouco indeciso, que engatinhava no que diz respeito à introdução do modernismo no Brasil, é sua formação, vista por ele como anárquica, cujo pano de fundo foi a “estupidez letreada da semi-colônia”, que o levou a frequentar “do repulsivo Goulart de Andrade ao glabro João do Rio, do bundudo Martins Fontes ao bestalhão Graça Aranha”, ou seja, Oswald centra fogo, em apenas um parágrafo de texto, em vários dos

<sup>17</sup> Um registro interessante da recepção dessa obra por parte de seus companheiros de geração é a crônica de Manuel Bandeira, publicada no ano de 1933. Nela, Bandeira critica a atitude de Oswald de Andrade quando este afirma publicar uma obra renegada. Para Bandeira, quem “renega uma obra, não a publica”. O interessante é que deste fato Bandeira tirou consequências sobre o engajamento político de Oswald. Dizia ele: “O gesto do autor, publicando-a, faz compreender a cautela do Partido Comunista que não o quis aceitar até hoje”. Ora, o poeta reitera aqui o coro daqueles que achavam Oswald de Andrade pouco sério, logo, um espírito pouco disponível para a sisudez que parecia marcar a militância comunista à época. Bandeira concluiu sua crônica lançando um desafio que, indiscutivelmente, perseguiu Oswald até o final de sua carreira literária. Segundo Bandeira: “O drama atual de Oswald é que só um sujeito como eu, pequeno burguês e poeta menor, pode gostar do que ele escreve. O comunista que ruminou *O capital* na íntegra e o proletário que lia *A classe operária* não o sentem nem o entendem. Esperemos a obra futura e vejamos se o homem de *Pau Brasil* é capaz de, em bem da revolução, se despolar daquele individualismo que tanto se compraz – acima de tudo se compraz – na deformação diletante e feroz, de que o Serafim e o seu prefácio são o último exemplo.” BANDEIRA, Manuel. Serafim Ponte Grande (1933). *Piauí*. ano 2, n. 19, p. 54, abr. 2008.

<sup>18</sup> ANDRADE, Oswald. *Serafim...* p. 6.

nomes mais conhecidos de sua época.<sup>19</sup> Na citação abaixo, reproduzo uma passagem do mesmo prefácio em que Oswald passa em revista suas opções à época:

A situação “revolucionária” desta bosta mental sul-americana apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário – era o boêmio! As massas, ignoradas no território e, como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais, brincando de roda. [...] Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o Manifesto Comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.<sup>20</sup>

A experiência modernista foi apresentada nesse ensaio como um índice de sua época, uma amostra de sua adesão à “burguesia”. Oswald não deixa dúvidas de que sua aventura vanguardista foi um erro, uma perda de tempo e mesmo uma experiência reacionária. Segundo ele, “dois palhaços da burguesia, uma paranaense e outro internacional”, atrapalharam seu amadurecimento literário: Emílio de Menezes, seu amigo antes da Semana de Arte Moderna, e o poeta francês Blaise Cendrars. E afirma ter sido, ao lado deles, “um palhaço de classe”. Assim, para Oswald, o “movimento modernista, culminando no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado” do capitalismo nos trópicos.<sup>21</sup> Na verdade, uma literatura novo-rica. Frente a esse quadro, apresenta a sua tomada de posição nos seguintes termos:

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo com o professor Mário de Andrade e no Rio com o robusto Schmidt, cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:

No céu, no céu  
Com sua mãe estarei!

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 38.

eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser, pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária.<sup>22</sup>

Oswald instituía um “marco zero” para a sua obra. Da mesma forma que com a publicação do *Manifesto antropófago* reorientava a passagem do tempo ao estabelecer como data inicial da sua interpretação da história do Brasil a devoração do bispo Sardinha, com a publicação de *Serafim Ponte Grande* pretendia marcar o reinício de sua atividade intelectual. E, de fato, parte considerável do que Oswald escreveu ao longo da década de 1930, seja sua criação literária, seja sua produção jornalística, esteve voltada para as questões sociais. Exemplo é o problema da posse da terra descrito no romance cíclico da fundação de São Paulo, *Marco zero*, que, é preciso destacar, foi redigido em uma linguagem bem mais sóbria do que seus romances experimentais dos anos 1920 e menos metafísico do que a trilogia *Os condenados*.

O próprio Oswald de Andrade refletiu sobre essa mudança estilística em artigos e conferências da década de 1940. Um dos exemplos mais evidentes dessa guinada está em um ensaio intitulado “Correspondência”, recolhido por Oswald em seu livro *Ponta de lança*. Ali, sob a forma de uma carta aberta endereçada a Léo Vaz, na qual ele responde a sua pequena nota sobre *Marco zero*, Oswald reflete sobre suas novas concepções sobre a criação literária. Advertia: “Não pense, no entanto, meu caro professor, que teimo em fazer hoje a Semana de Arte Moderna. Deixo isso a alguns companheiros ilustres de jornada (o sr. Mário de Andrade, o sr. Portinari)”. O autor reitera naquele momento entender que havia passado o bastão e que não respondia mais pelo modernismo, deixando essa tarefa para outros escritores e artistas. Arrematava esse raciocínio dizendo que “*Marco zero* é um livro que vai surpreender os que esperam os modismos e os cacoetes que tão gostosa e justamente empregamos na fase polêmica da renovação literária”.<sup>23</sup> Oswald referia-se aqui ao ritmo sincopado e aos experimentalismos de *Memórias sentimentais de João Miramar* e de *Serafim Ponte Grande*.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>23</sup> ANDRADE, Oswald. Correspondência. In: ANDRADE, Oswald. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 1991, p. 39.

Todavia, seria um equívoco atribuir a esse momento da carreira de Oswald de Andrade um completo abandono dos elementos estéticos por ele trabalhados ao longo da década de 1920. Se no romance, com *Marco zero*, ele buscou tornar seu texto menos experimental do que as *Memórias sentimentais* ou o *Serafim*, sua produção teatral, em que pese o elogio temático ao marxismo soviético presente em *O homem e o cavalo*, em nada lembra o realismo socialista ao sabor de Máximo Gorki, por exemplo. Em *O rei da vela* e em *O homem e o cavalo*, de 1934, assim como em *A morta*, de 1937, Oswald promove a fusão de marxismo e antropofagia. Como percebeu Carlos Gardim, sua “dramaturgia [...] estava carregada de procedimentos antropofágicos: devorar os elementos enriquecedores de outros textos e contextos, sejam eles culturais, sociais, políticos ou estéticos e, produto dessa devoração canibal, produzir a arte brasileira”.<sup>24</sup> Figuravam, lado a lado, Vladimir Maiakovski e Alfred Jarry, o cenário tropical, a devoração antropofágica, a cultura luso-brasileira e outros tantos elementos que estavam ao alcance de sua mão, resultando em um teatro muito diverso do drama familiar que marcaria época em função da dramaturgia de Nelson Rodrigues, autor, é preciso que se diga, recebido com muitas reservas por Oswald nas notas críticas que publica em jornais paulistas.<sup>25</sup>

Apesar da presença subliminar da antropofagia em suas obras da década de 1930, é inegável que as referências mais diretas são escassas, especialmente em seus escritos jornalísticos que servem como termômetro de suas preocupações mais imediatas e pontuais. Salvo melhor juízo, é na metade da década de 1940, em torno de 1943-44, que voltam a figurar em suas crônicas e em um texto preparado para *Testamento de uma geração*, obra coletiva organizada por Edgard Cavalheiro, as referências à antropofagia. Em 1944, Oswald pronuncia “O caminho percorrido” em Belo Horizonte, conferência um ano mais tarde publicada em *Ponta de lança*. Convidado a falar sobre o movimento modernista

<sup>24</sup> GARDIM, Carlos. A cena em chamas. In: ANDRADE, Oswald. *A morta*. São Paulo: Globo, 1995, p. 7-8.

<sup>25</sup> Oswald dedicou duas crônicas ao teatro de Nelson Rodrigues, *Pra que censura?* e *O alfabeto coroado de louros*, sempre com críticas bastante ásperas, e fez breves referências a ele em outras. O tom de ambas é o mesmo: Oswald critica a escrita de Rodrigues no teatro, e a peça em questão era *Vestido de noiva*, e na literatura, comentando os folhetins assinados sob o pseudônimo de Suzana Flag. Dizia Oswald que uma “das maiores provas do nosso baixo nível intelectual é a importância que assumiu no teatro destes últimos tempos o sr. Nelson Rodrigues [...] Nem sabendo que o sr. Nelson Rodrigues é o folhetinista medíocre que usa o pseudônimo de Suzana Flag, a crítica recolheu as orelhas de asno com que saudou a sua estrepitosa aparição”. ANDRADE, Oswald. *Pra que censura?* In: ANDRADE, Oswald. *Telefonema*, op. cit., 1996, p. 302.

no Brasil, que teve como marco a Semana de Arte Moderna, Oswald reconsidera a importância do *Pau Brasil* e da *Antropofagia*.

“O primitivismo nativo”, afirmava Oswald, “era o nosso único achado de 22”. Ou seja, o autor procurava reinserir a sua leitura peculiar do passado ameríndio e das “origens da nacionalidade” em sua obra. Assim, procurava dar aos movimentos que o tiveram como principal artífice uma avaliação bastante diversa daquela que a eles destinara no prefácio a *Serafim* de 1933. E foi nessa mesma conferência que, anunciando os próximos desdobramentos que daria ao seu pensamento, sublinhava que a “antropofagia foi na primeira década do modernismo o ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro”.<sup>26</sup> Ao contrário da expressão jocosa “sarampão antropofágico”, nesse momento Oswald dava um sentido político à antropofagia, passando a percebê-la como uma importante chave de leitura para a cultura brasileira. Algo havia mudado e creio que parte da resposta vem de sua relação com o PCB.

### III

Se, como procurei apresentar algumas páginas atrás, o afastamento da antropofagia se deu no mesmo compasso de sua aproximação do PCB, a partir da metade da década de 1940 o autor trilha o caminho inverso. A retomada da antropofagia se dá em concomitância ao seu afastamento do PCB e da “linha justa” prestista. O rompimento de Oswald com o PCB teve como pano de fundo o debate político que se dá em 1945 em torno de três questões fundamentais: a) a queda de Getúlio Vargas, quando o partido colocou-se ao lado do presidente deposto; b) a posição assumida pelo partido no cenário internacional, assumindo o que Oswald chamava linha Forster, dirigente do PCA que não aceitava a aliança com a burguesia progressista; e c) o clima de cerceamento da liberdade intelectual vigente entre os intelectuais do PCB, coisa que anos mais tarde receberia o nome de “patrulhamento ideológico”.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> ANDRADE, Oswald. O caminho percorrido. In: ANDRADE, Oswald. *Ponta de...*, op. cit., p. 111.

<sup>27</sup> O momento, indiscutivelmente, era de radicalização política. As críticas de Oswald ao PCB e suas reflexões sobre a liberdade do intelectual saltam aos olhos, uma vez que se dão em um momento de grande fechamento dos comunistas a críticas e autocriticas. Como observou o historiador inglês Tony Judt sobre o clima de Guerra Fria: “De qualquer modo, a categoria do ‘intelectual comunista’ é próxima do oxímoro não porque pessoas inteligentes não pudessem ser comunistas (muitos eram), mas porque a sua presença dentro do partido como intelectuais não era bem-vinda.

Assim que se dá o rompimento público de Oswald de Andrade com o PCB, ele passa a discutir a situação em jornais, seja mediante as crônicas que publicava, seja mediante entrevistas concedidas a diversos jornais da época. Em entrevista concedida ao *Diário de São Paulo* de 23 de setembro de 1945, Oswald deixou claro que foram “divergências ideológicas, ou melhor, de interpretação ideológica, que me afastaram definitivamente do Partido Comunista Brasileiro”.<sup>28</sup> E a divergência ideológica a qual aludia Oswald de Andrade envolvia a posição do PCB no que diz respeito à possibilidade de criação de alianças com a burguesia nacional que teriam como maior modelo o Teerã. Em uma nova entrevista concedida ao *Diário de São Paulo*, Oswald de Andrade volta à carga de forma mais incisiva. Em primeiro lugar, sugere aos líderes do PCB a dissolução do partido, seguindo assim os passos do Partido Comunista Americano – PCA. De sua parte, afirma ter felizmente se jogado “de paraquedas de um avião sinistrado, deixando a tempo o Partido Comunista”.<sup>29</sup>

Em carta-aberta a Luís Carlos Prestes, datada de 21 de maio de 1946, apresentava-se como um “velho lutador que não abandonou nem o marxismo e nem a luta e apenas divergiu de sua orientação”.<sup>30</sup> Nessa longa carta, que em muito reflete o clima do pós-segunda guerra e a ressaca com relação aos regimes totalitários, a principal preocupação de Oswald era manter viva a imagem de Prestes, para ele um símbolo das lutas sociais no Brasil, ainda que sufocado por uma camarilha de comunistas ortodoxos. O pretexto da carta era uma visita diplomática dos soviéticos ao Brasil, recepção na qual Oswald reclamava a presença apenas de Prestes, sem a “súcia de salafrários de tontos e de malandros que o cerca na Câmara e no Partido”.<sup>31</sup> O propósito maior era deixar claro o fato

---

Se eles aderissem ao movimento comunista, eles colocariam as suas técnicas cognitivas a serviço do partido e seriam solicitados a crer, não a analisar. Os intelectuais verdadeiramente valiosos não eram aqueles que aderiam, mas aqueles que se mantinham fora do grupo, fornecendo aos stalinistas credibilidade intelectual através de seu apoio e de seu status de pensadores, acadêmicos e jornalistas independentes". JUDT, Tony. *Passado imperfeito. Um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra*. Tradução de Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 168-9.

<sup>28</sup> ANDRADE, Oswald. Golpe certeiro no eixo da revolução em marcha. Entrevista concedida ao *Diário de São Paulo* de 23 de setembro de 1945. In: ANDRADE, Oswald. (Maria Eugênia Boaventura, org.). *Dentes do dragão*. Entrevistas. São Paulo: Globo, 1990, p. 101.

<sup>29</sup> ANDRADE, Oswald. Vida, paixão e morte do PCB. Entrevista concedida ao *Diário de São Paulo* de 11 de novembro de 1945. In: Ibidem, p. 106.

<sup>30</sup> ANDRADE, Oswald. Palavras a Prestes. In: ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996, p. 171.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 172.

de que discordava da linha de ação adotada pelo PCB, diretamente sintonizada com os ditames da URSS que, segundo ele, primavam pela ortodoxia na maneira de compreender o marxismo e o processo político. A posição defendida pelo escritor era uma fusão de existencialismo (primeiro Maritain, depois Sartre) e de um “marxismo democrático”, na linha das propostas de Earl Browder.<sup>32</sup>

Do ponto de vista literário, isso significou também, para Oswald, a entrada em rota de colisão com os principais intelectuais da *nomenklatura* do Partidão. Em crônicas e entrevistas publicadas à época, Oswald passa a assinalar a sua divergência com esses intelectuais, afastando-se dos ditames do realismo socialista que ainda vigoravam entre grande parte dos escritores oficiais do PCB. Muitas de suas farpas eram dirigidas aos redatores e colaboradores da *Tribuna Popular*, símbolo dessa plataforma intelectual. Dizia Oswald que o “desprezo pela inteligência e a luta contra a cultura continuam a caracterizar a atual direção do Partido Comunista Brasileiro”. Ainda segundo ele, a “*Tribuna Popular* estampa semanalmente aquele poema de sapateiro que fez com que Maiakovski pregasse um tiro nos miolos”.<sup>33</sup> Com essas declarações, Oswald de Andrade começa a redefinir seu olhar sobre o cenário intelectual brasileiro e a promover alguns importantes acertos de contas.

Um dos primeiros a sofrer com suas imprecações foi Caio Prado Júnior, pensador que, em suas palavras, “prima pela ignorância dos objetos de que trata”. Ainda para Oswald, “o seu livro *Dialética do conhecimento* é uma salada russa, em que acaba chamando de dogmáticos aos filósofos da incerteza”, filósofos como Kierkegaard, dos quais o antropófago se aproximava mais e mais, sem deixar de lado Marx e Engels. Parte dos marxistas mais dogmáticos, usados largamente por Caio Prado, o autor do *Serafim* chama de “carrascos do ‘crê ou morre’ que tronam em todos os Kremlins”, autores que em sua interpretação Caio

<sup>32</sup> Naquele momento, o fato de Oswald de Andrade assumir uma posição a favor de Earl Browder era um sinal de que os caminhos do comunismo alinhado à URSS e ao PCB começavam a incomodá-lo. Earl Browder foi dirigente do Partido Comunista Americano entre 1932 e 1945, assumindo o posto no lugar de William Forster. Com o final da Segunda Guerra Mundial, seus apelos por uma aproximação maior dos marxistas da democracia foi interpretado como uma traição à linha soviética, seguida de perto pelo PCB. A obra de Browder que atraiu a atenção de Oswald de Andrade foi Teerá. Ver: BROWDER, Earl. *Teheran: Nuestra senda en la guerra y en la paz*. Editorial América, 1945. Sobre Browder e o comunismo nos EUA: STAROBIN, Joseph R. *American communism, 1943-1957*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1972 e RYAN, James Guibert. *Earl Browder: The failure of American communism*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2005.

<sup>33</sup> ANDRADE, Oswald. Palavras a Prestes, op. cit. p. 107.

Prado “honra como mestres da dialética”. E para não deixar dúvidas, fustiga: “A esse burro, querem equiparar o valor de execução que é Cannabrava”.<sup>34</sup>

No entanto, dentre todos os escritores oficiais do PCB, é bem possível que aquele a ser fustigado mais violentamente por sua pena tenha sido Jorge Amado. Oswald chegou ao ponto de denunciá-lo publicamente como colaborador do nazi-fascismo. Em que pese essas denúncias, que nunca foram apuradas, interessa-me aqui a crítica que o autor de *Serafim Ponte Grande* faz à postura acrítica de Amado frente aos caminhos tomados pelo PCB, bem como ao que diz respeito ao marxismo soviético. Jorge Amado, ao retornar de uma viagem à Europa, foi recebido com a crítica fulminante que Oswald endereçara a seu livro *O mundo da paz*. Segundo Oswald, aí “o grande menino revolucionário de *Jubiabá*, apareceu de asas cortadas, aquelas possantes asas que o levaram a uma autêntica consagração em Paris, quando teve o seu glorioso romance baiano editado pela *Nouvelle Revue Française*”. Ainda segundo Oswald, “*O mundo da paz*, contrariando a vocação libertária de Jorge Amado, é uma subserviente e intolerável repetição de bobagens forçadas com que nos presenteiam todos os homens comprometidos com o comunismo de Moscou”.<sup>35</sup>

Não resta dúvida, haja vista os excertos pinçados de sua produção jornalística, que muitas coisas haviam mudado desde o prefácio de 1933, no qual Oswald se declarara “casaca de ferro da Revolução Proletária”. De um lado, é inegável que ele nunca abandonou o marxismo do ponto de vista filosófico; mesmo em seus textos finais, são várias as referências a alguns textos canônicos do pensamento marxista, especialmente de Karl Marx e Friedrich Engels. No entanto, a partir da década de 1940, são retomadas antigas referências literárias e intelectuais, como os textos de Nietzsche e Dostoiévski, que se somam, de maneira bastante eclética, a uma ampla gama de autores mencionados em escritos finais como a tese *A crise da filosofia messiânica* e os textos que mais tarde integrariam o livro *A marcha das utopias*. Nas páginas que seguem, exploro alguns desses aspectos.

<sup>34</sup> ANDRADE, Oswald. O filósofo bravo. 20/12/1952. In: ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. (Vera Maria Chalmers, seleção e organização). São Paulo: Globo, 1996. p.

<sup>35</sup> ANDRADE, Oswald. Um escritor político. 11/10/1952. Ibidem, p. 366.

## IV

Nesse momento de redefinição de sua posição frente à militância política, Oswald devotou-se à leitura de autores como Kierkegaard, Nietzsche, Marx, Engels, Karl Mannheim e Johannes Bachofen, este último central para sua compreensão sobre o matriarcado. Embalado por esse universo de referências, grande parte das vezes pouco congruente e lido apressadamente, diga-se de passagem, Oswald redige e apresenta como tese para o concurso de filosofia da FFCL da USP *A crise da filosofia messiânica*, em 1950. Se em sua tentativa anterior de ingressar no magistério superior, no ano de 1945, Oswald disputou uma vaga para a cadeira de literatura brasileira com a tese *A Arcádia e a Inconfidência*, um bem-comportado texto sobre a poesia árcade no Brasil, a sua segunda tentativa de ingressar no magistério, em 1950, foi motivo para uma retomada vertiginosa do conceito de antropofagia. Aquilo que na década de 1920 surgiu como provocante plataforma literária, nesse momento é transformado por Oswald em uma filosofia existencial.

O núcleo de sua tese é a oposição criada na cultura ocidental entre os “dois hemisférios culturais que dividiram a história em matriarcado e patriarcado”; sendo que, para Oswald, o primeiro “é o mundo do homem primitivo” e o segundo “o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este, uma cultura messiânica”.<sup>36</sup> Ele interpreta a cultura matriarcal ou antropofágica como um estágio original da humanidade livre dos tabus e interdições criados pela civilização ocidental, que, como mostraram antropólogos e psicanalistas, foi erigida sobre a proibição. Mas antes de prosseguir, permito-me uma digressão sobre como Oswald comprehendia essa relação entre Estado, pensamento messiânico e patriarcado como índices de uma mesma estrutura de poder, aos seus olhos característica da época burguesa.

Há em *Notas de inverno sobre impressões de verão* uma passagem na qual Fiódor Dostoiévski, autor da predileção de Oswald, afirma a necessidade da existência de uma entidade, de um Estado que regule a existência em grupo, que anule o princípio pessoal em função da existência da comunidade. Ela exemplifica perfeitamente o que o poeta *Pau Brasil* acreditava ser a sociedade patriarcal. Dostoiévski asseverava:

<sup>36</sup> ANDRADE, Oswald. *A crise da filosofia messiânica*. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia...*, op. cit., p. 102.

E, no entanto, também ali se processa a mesma luta tenaz, surda e já antiga, a luta de morte do princípio pessoal, comum a todo o ocidente, com a necessidade de acomodar-se de algum modo ao menos, formar de algum modo uma comunidade e instalar-se num formigueiro comum; transformar-se nem que seja num formigueiro, *mas organizar-se sem que uns devorem os outros, senão todos se tornarão antropófagos.*<sup>37</sup> (Grifo meu)

Passagem sedutora, a qual é difícil precisar se Oswald conhecia. No entanto, independente disso, para Oswald a instauração do Estado foi a consequência natural da substituição de uma cultura matriarcal pela cultura patriarcal, na qual “uma classe se apoderara do poder e dirigia as outras”, o que levou à criação do Direito e das leis, criando-se a “organização coercitiva que é o Estado, personificação do legal”.<sup>38</sup> Essas características por ele apontadas estão perfeitamente indicadas na passagem de Dostoiévski acima reproduzida, autor cujas convicções pessoais exemplificam o último elemento a comentar como constitutivo do patriarcado, a cultura messiânica. Dostoiévski, após o cumprimento da pena de trabalhos forçados na Sibéria, passa a defender a necessidade da existência do Estado como regulador da vida em sociedade, assim como passa a professar fervorosamente a ortodoxia cristã. Em que pese a complexidade de seu pensamento, não seria exagero dizer que era um homem marcado pelo pensamento messiânico.<sup>39</sup>

Essa digressão serviu para mostrar como Oswald percebia a existência do Estado forte e provedor como consequência do pensamento messiânico. O princípio da obediência à força suprema era a essência de todas as religiões monoteístas, assim como da crença secular no Estado.<sup>40</sup> Para ele, sem “a ideia de uma vida futura, seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do messianismo na história do patriarcado”.<sup>41</sup> Essa crítica à função desempenhada pelas grandes religiões monoteístas foi haurida, especialmente, de sua leitura de Nietzsche e acaba por ser um dos elos entre o *Manifesto*

<sup>37</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Baal. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O crocodilo e notas de inverno sobre impressões de verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, p. 112.

<sup>38</sup> ANDRADE, Oswald. *A crise...*, op. cit., p. 104.

<sup>39</sup> É abundante a bibliografia sobre o pensamento de Dostoiévski e suas mudanças de ponto de vista em diferentes momentos da vida. Cf., sobretudo, MILOCHEVITCH, Nicolas. *Dostoiévski penseur*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1988.

<sup>40</sup> ANDRADE, Oswald. *A crise...*, op. cit., p. 120-1.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 104.

*antropófago*, de 1928, com sua crítica feroz a “todas as catequeses”, e *A crise da filosofia messiânica*, em que Oswald apresenta o messianismo como a forma de pensamento que justifica toda a opressão exercida pelo Estado.

Seguindo de maneira heterodoxa a teoria das idades e dos ciclos históricos de Vico, aproximando-a de uma esquematização dentro da moldura da dialética hegeliano-marxista,<sup>42</sup> Oswald propunha uma filosofia da história que apontava para o futuro. Para tanto, colocava como motor de sua interpretação da história da humanidade a seguinte divisão: 1º termo: tese – o homem natural, 2º termo: antítese – o homem civilizado e 3º termo: síntese – o homem natural tecnizado.<sup>43</sup> Para Oswald, a antropofagia elevada à categoria de *Weltanschauung* seria o símbolo maior do universo espiritual do “homem primitivo”, sem, no entanto, criar com isso uma utopia regressiva. O que Oswald propunha, a rigor, era uma nova síntese entre a liberdade do homem natural, a técnica do homem civilizado e a síntese utópica que seria o bárbaro tecnizado, o homem libertado pelas máquinas e tecnologia que outrora serviram para o agrilhoar, o que permitiria a substituição do negócio pelo ócio.<sup>44</sup>

Aos seus olhos “o homem aceita o trabalho para conquistar o ócio”. Portanto, ele entendia que se anunciava naquela época a superação do trabalho que escravizava o homem. Encontravam-se todos “no limiar da Idade do Ócio”, significando que um outro matriarcado estava próximo. Segundo Oswald,

No mundo supertecnizado que se anuncia quando caírem as barreiras finais do patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre o *faber*, o

<sup>42</sup> Para que a aproximação da noção de idades e ciclos históricos não pareça deslocada ao lado da dialética hegeliano-marxista, convém lembrar que a aproximação entre os autores é relativamente comum. Diversos autores já demonstraram influências do napolitano especialmente no pensamento de Marx e, no caso da tese de Oswald, ambos são referidos.

<sup>43</sup> ANDRADE, Oswald. *A crise...*, op. cit., p. 103.

<sup>44</sup> Ibidem, p.102.

*viator* e o *sapiens*, prevalecerá então o *homo ludens*. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico.<sup>45</sup>

Em sua época, Oswald viu as ideias que defendeu nessa tese serem caracterizadas como, no mínimo, exóticas. Ainda alguns anos depois de sua morte, críticos como Heitor Martins as consideraram “tristemente medíocres”. Não deixa de ser curioso perceber que sua utopia e, especialmente, sua crítica à “sociedade do trabalho”, que ele gostaria de substituir pela sociedade do ócio, estejam entre os temas mais discutidos pela sociologia contemporânea, seja entre os alemães do grupo Krisis,<sup>46</sup> que têm entre os seus mais conhecidos integrantes Robert Kurz, seja entre os italianos, na figura do também muito conhecido Domenico de Masi. Ambos demonstram que o estágio de desenvolvimento técnico-científico do qual dispomos hoje permitiria que os problemas mais cruciais com os quais convivemos, fome e miséria, fossem resolvidos e que trabalhássemos menos, dedicando mais tempo a atividades criativas.<sup>47</sup>

No *Manifesto antropófago*, Oswald de Andrade já anunciaava a Revolução Caraíba, a reescrita da história sob a ótica do colonizado, proclamando: “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”. Na década de 1950, com *A crise da filosofia messiânica*, esse *insight* foi levado às últimas consequências, colocando o homem tropical no centro do mundo contemporâneo. Como ele mesmo chegou a afirmar, se até aquele momento o “homem europeu falou demais”, a partir daquele momento era “preciso ouvir o homem nú”.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>46</sup> Ver especialmente o interessante texto no qual eles fazem a crítica do trabalho como fundamento da sociedade contemporânea. Grupo Krisis. *Manifesto contra o trabalho*. Tradução de Hans Dieter Hiedemann e Cláudio Roberto Duarte. São Paulo: Conrad, 2001.

<sup>47</sup> KURZ, Robert. *O colapso da modernização*: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

<sup>48</sup> ANDRADE, Oswald. Mensagem ao antropófago desconhecido. In: ANDRADE, Oswald. *Estética e..., op. cit. p. 285.*

## V

Seguramente ainda hoje, em uma tendência que iniciou no último quarto do século XX, é em função da antropofagia que Oswald de Andrade é lembrado. A reapropriação de algumas ideias e especialmente de palavras-chaves criadas pelo autor marcou diversos movimentos ditos de vanguarda na cultura nacional. Surgiu nas composições de Caetano Veloso, assim como em seu livro de memórias, *Verdade tropical*. Vazou algumas das propostas de poetas como Haroldo e Augusto de Campos, responsáveis pela revitalização da interpretação de Oswald de Andrade nas décadas de 1950 e 1960, passando pelo teatro de José Celso Martinez Corrêa, pelo cinema de Glauber Rocha, pela sociologia de Gilberto Felisberto Vasconcellos e chegando aos nossos dias nas composições de Chico Science, líder do contemporâneo movimento Mangue Beat e em bienais de arte contemporânea, como na XXIV Bienal de São Paulo, que teve um núcleo inspirado na antropofagia.<sup>49</sup>

Situação bastante diferente daquela vivida pelo autor em seus últimos anos de vida. Sua filha, Antonieta Marília, lembra-se com pesar dessa época: “Ouvia-o muitas vezes queixar-se, desencorajado, de que suas ideias não eram aceitas, sua obra não era lida e talvez seu valor nunca chegassem a ser reconhecido. Sentia-se abandonado e sem grandes esperanças”.<sup>50</sup> Uma hipótese comum é a de que o silêncio tenha sido o preço que Oswald precisou pagar por sua verve, sua disposição à polêmica e à blague. Poucos contemporâneos escaparam de sua língua ferina. Além disso, é inegável que a adesão de Oswald ao PCB em 1930, bem como as novas alianças políticas e intelectuais dela decorrentes provocaram mudanças significativas, não apenas em sua vida particular, mas também em sua inserção literária.

A vulgarização multitudinária do nome de Oswald de Andrade a partir da década de 1960 deveu-se, indiscutivelmente, ao sucesso da montagem de *O rei da vela*, que estreou nos palcos brasileiros no ano de 1967. “Essa encenação marcou”, como sublinhou Antonieta Marília, “o primeiro reconhecimento público de Oswald de Andrade”. A partir do sucesso da montagem de Zé Celso,

<sup>49</sup> HERKENHOFF, Paulo. *Ir e vir*. Catálogo da XXIV Bienal de São Paulo, Núcleo “Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros”. Versão eletrônica. [http://www1.uol.com.br/bienal/24bienal/rot/txt\\_port\\_ensherk.htm](http://www1.uol.com.br/bienal/24bienal/rot/txt_port_ensherk.htm), acesso em 07/10/2004.

<sup>50</sup> ANDRADE, Antonieta Marília de. Oswald e Maria Antonieta – Fragmentos, memória e fantasia. *Remate de males*. Campinas: Unicamp, nº 6, 1986, p. 69.

Oswald de Andrade “virou moda, pegou. Pai do tropicalismo, inspirador de Caetano, exemplo dos críticos literários, objeto de estudo das teses de doutoramento, herói incondicional dos jovens inconformados, modelo para os escritores iniciantes, autor preferido dos grupos de teatro amador”. Para a surpresa de sua filha, “Oswald subiu de repente ao patamar dos mitos”.<sup>51</sup>

Todavia, é interessante perceber que essa superinflação de referências à obra ou a algumas palavras-chaves da sintaxe oswaldiana não é, necessariamente, fruto de interpretação de sua obra que leve em consideração a sua reflexão sobre a arte no Brasil. No mais das vezes, os usos da obra de Oswald de Andrade são excessivamente formalistas e retóricos.<sup>52</sup> A leitura, por exemplo, que José Celso Martinez Corrêa, à frente do Teatro Oficina, fez de sua obra a despe de algumas características que entendo como centrais, como, por exemplo, o compromisso programático de Oswald de Andrade com uma expressão artística que fosse construtiva e com uma ideia de cultura nacional.<sup>53</sup> A interpretação formalista da obra de Oswald pela geração da década de 1960 supervaloriza, talvez mesmo sem ter consciência disso, a imagem do Oswald *blaguer*, reforçando um estereótipo do qual o autor buscou se livrar ao longo de toda a vida. Mas isso já é assunto para uma outra história.

### **Referências bibliográficas**

- ANDRADE, Antonieta Marília de. Oswald e Maria Antonieta – Fragmentos, memória e fantasia. *Remate de males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, nº 6, 1986, p. 69.
- ANDRADE, Oswald de. *A marcha das utopias*. São Paulo: Os Cadernos de Cultura, 1957.
- ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 75

<sup>52</sup> Aqui, é preciso destacar, a referência aos usos da obra de Oswald de Andrade diz respeito a incorporação de algumas de suas ideias e/ou, no mais das vezes, simplesmente a sua sintaxe por parte de artistas e literatos. No campo da crítica literária, por exemplo, é possível destacar a análise de Roberto Schwarz que, em *A carroça, o bonde e o poeta modernista*, empreendeu uma análise da poesia oswaldiana dentro da perspectiva que é peculiar ao seu ensaísmo, ou seja, equacionando forma literária e processo social. Assim, ele avança na interpretação das dualidades às quais a poesia de Oswald faz referência, o arcaico e o moderno, metaforizados no título pela carroça e pelo bonde. Ver: SCHWARZ, Roberto. *A carroça, o bonde...*; op. cit.

<sup>53</sup> CORRÉA, José Celso Martinez. O rei da vela: Manifesto do Oficina (1967). In: ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 2000. p. 22.

- ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1990.
- ANDRADE, Oswald de. Meu testamento. In: CAVALHEIRO, Edgard. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: 1944.
- ANDRADE, Oswald. Correspondência. In: ANDRADE, Oswald. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 1991.
- ANDRADE, Oswald. Golpe certeiro no eixo da revolução em marcha. Entrevista concedida ao *Diário de São Paulo* de 23 de setembro de 1945. In: ANDRADE, Oswald. (Maria Eugênia Boaventura, org.). *Dentes do dragão*. Entrevistas. São Paulo: Globo, 1990, p. 101.
- ANDRADE, Oswald. O filósofo bravo. 20/12/1952. In: ANDRADE, Oswald. *Telefô-nema*. (Vera Maria Chalmers, seleção e organização). São Paulo: Globo, 1996. p.
- ANDRADE, Oswald. Objecto e fim da presente obra (Serafim Ponte Grande). *Revista do Brasil*. São Paulo, 30 de novembro de 1926, p. 5.
- ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Ariel, 1933.
- ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. Serafim Ponte Grande (1933). *Piauí*. ano 2, n. 19, p. 54, abr. 2008.
- BROWDER, Earl. *Teheran: Nuestra senda en la guerra y en la paz*. Editorial América, 1945.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CANDIDO, Antonio. Os dois Oswalds. In: CÂNDIDO, Antônio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 36.
- CORRÊA, José Celso Martinez. O rei da vela: Manifesto do Oficina (1967). In: ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 2000. p. 22.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Baal. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O crocodilo e notas de inverno sobre impressões de verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34.
- FARINACCIO, Pascoal. *Serafim Ponte Grande e as dificuldades da crítica literária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- GARDIM, Carlos. A cena em chamas. In: ANDRADE, Oswald. *A morta*. São Paulo: Globo, 1995.
- Grupo Krisis. *Manifesto contra o trabalho*. Tradução de Hans Dieter Hiedemann e Cláudio Roberto Duarte. São Paulo: Conrad, 2001.
- HERKENHOFF, Paulo. *Ir e vir*. Catálogo da XXIV Bienal de São Paulo, Núcleo “Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros”.

- Versão eletrônica. [http://www1.uol.com.br/bienal/24bienal/rot/txt\\_port\\_en-sherk.htm](http://www1.uol.com.br/bienal/24bienal/rot/txt_port_en-sherk.htm). Acesso em 07/10/2004.
- JACKSON, Kenneth David. 50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance. *Remate de males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas: Unicamp, jun. 1986, n. 6, p. 27-35.
- JUDT, Tony. *Passado imperfeito*. Um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra. Tradução de Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 168-9.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso*. Humor e boêmia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- MARTINS, Heitor. *Oswald de Andrade e outros*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.
- MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. Estudo clínico dos anatolianos. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MILOCHEVITCH, Nicolas. *Dostoiévski penseur*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1988.
- NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990, p. 5-39.
- NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 2ª edição. São Paulo: Globo, 1995.
- NUNES, Benedito. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PIGNATARI, Décio. Tempo: invenção e inversão. In: ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*: Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 1990.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos*. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo 1940-1968. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRADO, Antônio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*. Os dissidentes, a Semana e o Integralismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- REALE, Miguel. Oswald de Andrade e a utopia. In: REALE, Miguel. *Figuras do pensamento brasileiro*. 2ª edição. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 79.
- RYAN, James Guibert. *Earl Browder*: The failure of American communism. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2005.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STAROBIN, Joseph R. *American communism, 1943-1957*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1972.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira*. Análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense 1979.